

GRUPO DE DANÇA DIVERSUS: POR UMA PEDAGOGIA DANÇANTE PAUTADA NA ESCUTA SENSÍVEL E ACESSÍVEL

DIVERSUS DANCE GROUP: FOR A DANCE PEDAGOGY BASED ON SENSITIVE AND ACCESSIBLE LISTENING

Vanessa Helena Santana Dalla Déa
Marlini Dorneles de Lima
Renata Valerio Povoá Curado

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

Resumo

O artigo propõe através da pesquisa qualitativa, de vivência, experimentação e criação em dança, em um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal de Goiás, analisar algumas metodologias e formas de ensino no Grupo de Dança Diversus criado na Faculdade de Educação Física e Dança da referida Universidade. Com a Escuta Sensível, a alteridade, a inclusão, ensino de estilos de dança, a construção de afetos, a negação da invisibilização, compõe-se uma arte única, com qualidade técnica, conceitual e de movimentos em dança, com artistas com e sem deficiência, com foco na diversidade dos corpos, nas relações interpessoais e nos processos de ensino-aprendizagem a partir do acolhimento e da troca de saberes e criações, com o protagonismo da pessoa com deficiência.

Palavras-Chave: Atividade Motora Adaptada. Dança. Acessibilidade.

Abstract

The article proposes, through qualitative research, experience, experimentation and creation in dance, in an extension project linked to the Federal University of Goiás, to analyze some methodologies and forms of teaching in the Diversus Dance Group created at the Faculty of Physical Education and Dance of said University. With Sensitive Listening, alterity, inclusion, teaching dance styles, the construction of affections, the denial of invisibilization, a unique art is created, with technical, conceptual quality and dance movements, with artists with and without disability, focusing on the diversity of bodies, interpersonal relationships and teaching-learning processes based on welcoming and exchanging knowledge and creations, with the leading role of people with disabilities.

Keywords: Adapted Motor Activity. Dance. Accessibility.

1 Introdução

A Dança é uma das atividades artísticas mais antigas, a 14.000 anos atrás já havia registros de movimentos corporais expressivos (Magalhães, 2005). No entanto, a dança para pessoas com deficiência começou a ser estudada apenas na década de 1980 e vem aumentando o interesse de pesquisadores devido aos muitos benefícios que podem proporcionar para essa população (Rossi-Andrion; Munster, 2021).

Desde o século XII até hoje, o modelo de ensino na dança tem se utilizado de práticas excludentes como o “[...] modelo pedagógico repetitivo e diretivo, no qual o professor demonstra o movimento e o estudante tenta reproduzi-lo” (Baldi; Oliveira; Patias, 2019, p. 1).

A presença da pessoa com deficiência na dança ainda é vista com perspectivas de estranhamentos. Santos, Gutierrez e Roble (2019) relatam que a dança para pessoas com deficiência ainda é compreendida apenas como terapêutica ou inclusiva, sem o entendimento de que “a dança pode ser expressada em sua totalidade” por essas pessoas.

A dança é uma importante atividade de expressão e representatividade das pessoas com deficiência. Ao estudar sobre dança para pessoas com deficiência, Paiva *et al.* (2021, p. 231) indicam que:

É interessante refletir sobre a dança como sendo um fenômeno de transformação individual e coletiva, compreendendo a importância sociocultural de cada uma das modalidades e categorias existentes em cada cultura. Valorizando a potencialidade de cada corpo e entendendo a sua linguagem corporal, a educação através da dança (e consequentemente, através da arte) permite a construção de um ser social, crítico e independente.

A Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), em seu capítulo IX, diz que se deve assegurar a participação da pessoa com deficiência nas atividades culturais em igualdade de condições com as demais pessoas. No entanto, o referido capítulo, que trata do direito à cultura, enfatiza a participação enquanto expectador e não traz pressupostos para o direito dessas pessoas enquanto artistas. Assim, esse grupo ainda é excluído da maioria dos grupos de dança ficando restrito aos grupos que se dedicam à dança inclusiva. Apesar de sofrer críticas o termo “Dança inclusiva” ainda tem sido muito utilizado, pois, segundo Barral (2002):

[...] quando os bailarinos com corpos diferentes forem aceitos em todas as companhias de dança pelas suas qualidades artísticas e esta diferença não for mais alvo de tantos estudos, atitudes incrédulas e/ou de condescendência dúbia, pensamos, teremos cumprido o nosso papel na procura de uma real inclusão destas pessoas no universo da dança e nesse momento o termo Dança Inclusiva poderá ser desprezado, ficando somente para os registos históricos – sintoma de plena aceitação da unicidade na diversidade, pois de bailarinos se trata, que dançam com o corpo e não “apesar do corpo”.

Assim, percebe-se que, a natureza humana da diversidade é ignorada em diferentes espaços da sociedade e a diferença é utilizada como forma de julgar, desigualar, separar, inviabilizar e anular o “significativamente diferente” (Amaral, 1998). Na dança, o padrão normativo de corpo é ainda mais excludente, e “a deficiência é vista apenas e exclusivamente como uma diferença que produz estigmas de improdutividade e, assim, dita onde, como e quem pode viver, fazer arte e dançar” (Dalla Déa *et al.*, 2023).

É na busca de um espaço diferente na dança, que surge o Grupo de Dança Diversus na Universidade Federal de Goiás, com bailarinos com e sem deficiência, com e sem vivência na dança, pessoas de diferentes idades, gêneros, tamanhos, cores, entre outras diversidades, sem privilegiar apenas a técnica, o virtuosismo, a repetição e a competição, mas entendendo que todas as pessoas são capazes de apresentar uma dança eficiente e de qualidade, desde que se utilize uma pedagogia adequada (Dalla Déa *et al.*, 2023).

2 Método

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, caracteriza-se como um estudo de caso descritivo e exploratório. Tem como objetivo apresentar algumas características e direcionamentos utilizados nas aulas do Grupo de Dança Diversus para inclusão de pessoas com deficiência e outras necessidades específicas, por meio da escuta sensível e da acessibilidade.

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás e respeita todos os procedimentos éticos de pesquisa nas artes e na educação.

3 Resultados e Discussões

Para apresentação dos resultados e discussões dessa pesquisa iniciaremos contando um pouco sobre o Grupo de Dança Diversus, direcionamentos e história, logo depois apresentaremos alguns pressupostos da Escuta Sensível como uma das teorias direcionadoras do trabalho e discutiremos também a acessibilidade utilizada nas aulas e finalizaremos apresentando brevemente alguns espetáculos do grupo, resultantes dos processos pedagógicos aqui descritos.

3.1 Grupo de Dança Diversus: por uma Pedagogia dançante, sensível e acessível

O Grupo de Dança Diversus propõe o trabalho artístico de e com potencial de apresentar para a sociedade uma outra perspectiva de ver e compreender as diferenças, sejam elas no que diz respeito às diferenças da existência da pessoa com deficiência,

e de qualquer outra diferença. Este, surge no movimento de inquietação gerado pela exclusão histórica de grupos subalternizados, como os das pessoas com deficiência, em atividades culturais, artísticas, esportivas, formativas e dançantes (Dalla Déa *et al.*, 2023). O Diversus, atua assim, na luta pelo direito da acessibilidade e inclusão cultural.

Enquanto se insistir em falar do outro como um não eu, onde a diferença desigual, separa, invisibiliza, anula e o considera um não humano, enquanto se precisar enquadrar o outro a dançar, obedecendo-se o padrão normativo de corpo, e enquanto houver dificuldade de promover relações com a arte, sem considerar os encontros com a diferença, será preciso, ainda, falar de inclusão. (Lima *et al.*, 2023, p.65).

O grupo, trata-se de um Projeto de Extensão da Universidade Federal de Goiás, e nasce com a intenção de favorecer a inclusão das pessoas com deficiência nos projetos da Faculdade de Educação Física e Dança em 2010. Nesse processo, a dança se destacou como uma atividade que abraça as diferenças e encanta as pessoas. Até chegar ao Grupo de Dança, o Diversus passou por processos identitários, mudou de nome, cresceu, construiu seus princípios, agregou diferenças e diversificou-se.

O Diversus orienta-se pela investigação da dança contemporânea, buscando na arte um caminho para a equidade, inclusão e o reconhecimento da pessoa com deficiência na sociedade. De acordo com Marlini Lima:

O Grupo de Dança Diversus atua na busca de questionar, tensionar e, por que não, desconstruir padrões normativos de corpo que dança e faz arte, apresentando uma proposta de Dança Inclusiva friccionada e dilatada pelo pensamento decolonial. Por meio de suas produções artísticas, se propõe a estudar a acessibilidade cultural presente nos processos criativos e desvelada nas poéticas acessíveis e nos processos de formação artística com e para pessoas com e sem deficiência (Lima *et al.*, 2023, p.65).

A partir dessas proposições, um momento importante para a trajetória do Grupo de Dança Diversus aconteceu em 2016, quando a diretora do grupo foi contemplada com um projeto de Intercâmbio artístico em Portugal. Esse intercâmbio foi realizado na Associação dos Amigos da Arte Inclusiva – Dançando com a Diferença na companhia “Dançando com a Diferença”, onde a mesma, durante três meses acompanhou as atividades desenvolvidas pela companhia, bem como estudou algumas das obras do repertório desta e as poéticas instauradas nos trabalhos.

Atualmente, o Grupo de Dança Diversus tem 41 artistas que compõem muitas diversidades e interseccionalidades, e caminha rumo a descortinar a diferença e a multiplicidade das práticas sociais em contraposição à credibilidade exclusivista e hegemônica de corpo, dança e arte regidas pela colonização eurocêntrica. Por isso:

O Diversus se expressa/traduz na trajetória de pessoas, ações, criações artísticas e culturais, de coletivos de pessoas com e sem deficiência, crianças, jovens e adultos, seus familiares. Todas as ações e espetáculos no Diversus são construídos

coletivamente, respeitando e dando protagonismo para todas as pessoas que o compõem, em um movimento de escuta sensível e de desenho universal (Dalla Déa *et al.*, 2023, p. 07).

O Grupo atua no campo dos processos e experiências formativas, educacionais e artísticas em dança, onde todas suas ações acontecem “com” as pessoas com e sem deficiência, propondo um exercício de alteridade profunda, discutindo preconceito, capacitismo e educação para direitos humanos. Lima *et al.* (2023) relata que o foco do Grupo é:

Oportunizar e investigar acerca de processos de formação e criações artísticas em dança, que se fundamentam na busca por uma dança contemporânea que emerge e se inspira justamente pelo sentido da insurgência. Buscam-se, portanto, ações e formas que se rebelam contra um poder estabelecido, que, em suas experiências diversas, se posicionam contrárias à hegemonia de corpos que podem dançar, aos cânones da dança e às formas de violência, frutos do colonialismo.

Os espetáculos do Diversus propõem acessibilidade cultural e poéticas acessíveis para formação de público diverso. Nesses espetáculos, pode-se verificar a diversidade de corpos em todas suas dimensões, com diversidades etárias, de gênero, de experiências, de eficiências, de tamanhos, de cores, entre outras muitas diversidades presentes na nossa comunidade, buscando a mais interessante dança que existe em cada pessoa, sem que se abandone a qualidade, estética e performance do movimento, acreditando em outras formas de se movimentar tão belas, performáticas e qualitativas quanto as apresentadas na dança colonialista.

3.2 A escuta sensível enquanto prática pedagógica inclusiva

Carvalho (2021), ao iniciar seu livro sobre Escuta sensível como forma de protagonismo na educação, escreve sobre a dança comparando-a com o “Aprender e Viver”, e diz que os dois requerem “movimento e sincronia em seus atos” e pedem disciplina em suas ações, no entanto, trazem “a leveza, a autenticidade e o encanto em sua ação”. Apesar de citar a dança acreditamos que Carvalho não imaginava que a dança iria utilizar-se da escuta sensível para aprender e viver na diversidade.

Essa citação realizada por Carvalho (2021) é realizada em um capítulo inicial que ela dá o nome de “Acolhimento”. No Grupo de Dança Diversus o Acolhimento, a Escuta Sensível e a dança caminham de lado a lado desde a chegada de uma nova pessoa artista até sua inserção nos espetáculos de maior complexidade. Para realizar o acolhimento de novas pessoas artistas e durante todos os processos, como atividades formativas e preparação de espetáculos todos os artistas com deficiência são escutados e escutam. No Diversus todos protagonizam para que possamos chegar aos objetivos,

sejam eles de inclusão, permanência, formação ou apresentação, como numa rede de apoio onde todos são responsáveis por todos e o acolhimento é incentivado e realizado por todos os integrantes do grupo.

A verdadeira inclusão e permanência dos artistas só acontece, se os professores e participantes do grupo forem instigados a realizar juntos a dança da escuta e acolhimento. Para isso, segundo Larossa (2002), precisamos ser induzidos a diminuir o excesso de informação, de opinião, de falta de tempo e de trabalhos que nos levam a distanciar das experiências, como a proporcionada pela Escuta Sensível. Ouvir sentindo o outro é o cerne da dança no Diversus, em um movimento de parar e aprender com a alteridade, ir mais devagar para que consigamos ser sujeitos de experiência, abertos às vivências e às necessidades do outro, ao saber que ela pode nos oferecer, ao parar, olhar e escutar minunciosamente. Para isso se faz necessário a interrupção:

[...] interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes (...) cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larossa, 2002, p. 24).

A dança hegemônica costuma incentivar a velocidade dos movimentos, a individualização da atenção, o egocentrismo, o egoísmo e o individualismo em prol da “performance de qualidade”. A dança no Diversus foge dessa regra, sem deixar de buscar a alta performance, a alteridade é a regra e faz parte dos movimentos harmoniosos, coletivos, acolhedores e afetuosos. Para isso é necessário “sair” do mundo cada vez mais frenético, enlouquecedor, curto, com cada vez menos tempo e escuta que vivemos e que muitas vezes direciona a prática pedagógica.

A Dança no Diversus se desconecta do mundo dançante rápido, sem sentido e vago, e, em todo esse processo, a escuta sensível é o centro, sendo que saber escutar o outro é uma forma de resistência necessária para acolher as diversidades e uma forma mesma de dançar em si, como começo, meio e fim.

Faour (2009, p. 103) relata que “[...] escutar é um grande desafio. Um desafio que nós fazemos diariamente. Porque escutar, por mais que associemos ao outro, é um ato ligado a si mesmo”. A escuta só acontece se partir de cada pessoa, precisa-se querer escutar, e construir uma atitude e mecanismos que nos permitam parar e escutar o outro.

No processo da escuta sensível há uma troca mútua, entre quem fala e quem escuta. A escuta não é passiva, ela é dialógica. À medida que se escuta as necessidades do outro, há uma aproximação deste, um conhecimento, e, ao conhecermos o outro, aprendemos a nos conhecer também (Carvalho, 2017, p. 55).

Assim como, nas aulas do Diversus, a dança de cada um e uma acontece a partir da dança do outro e isso é construído com vivências dançantes em atividades como “jogo do espelho”. A atividade de “espelho” é realizada quando eu escuto olhando, sentindo, me conectando e me movimentando a partir do movimento do outro, os participantes são induzidos a seguir a dança do outro, se deixar ser guiado pelo outro, mas sem abandonar seu movimento e seu ritmo. E em outro momento quem escutou é escutado, e o outro se conecta, sente, escuta e se permite ser invadido, guiado e conectado pela dança alheia.

Para chegar a essa dança da alteridade é importante que isso não aconteça de maneira forçada ou imposta, precisa ser uma ação que aconteça de dentro para fora, é uma dança que busca por conhecer o outro em suas particularidades, ou seja, é “[...] conhecer as várias faces de uma pessoa: seu lado forte, seu momento frágil, sua dor, sua alegria, sua coragem, seu medo; a escuta nos permite a aproximação” (Cerqueira; Souza, 2011, p. 17).

Por meio da dança e do ritmo para que aconteça a aproximação é preciso se “[...] colocar à disposição do outro em um processo de acolhimento (...) sair de si mesmo para pré-ocupar com o outro” (Carvalho, 2017, p. 53-54). A sensibilidade é fundamental para que a “pré-ocupação” aconteça, os sentidos precisam estar atentos para que os professores e artistas possam ser levados a vivenciar as sutilezas do outro, em uma prática dançante humanizadora, com movimentos solidários e coletivos, em ambientes que propiciem a disponibilidade por meio de um singelo, porém transformador, movimento de escutar, se permitindo a vivenciar a sensação prazerosa do acolhimento (Carvalho, 2017).

3.3 Relações entre escuta sensível e acessibilidade na Dança do Diversus

Escutar em um ambiente onde a diversidade é valorizada é ter como pressuposto central que o outro é diferente de mim, e que conviver com ele é parte importante para me desenvolver enquanto artista e assim promover a qualidade da performance coletiva.

Para escutar sensivelmente precisa-se compreender a pessoa como um todo, como um ser complexo e único. Morin (2000, p. 55) relata que para isso é necessário “[...] compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno”. Nas ações dançantes no Grupo de Dança Diversus reconhecesse que todos os artistas são únicos, singulares, em meio à diversidade de pessoas, mesmo em uma atividade em que são múltiplos, o respeito à unidade permite reconhecer cada indivíduo e suas necessidades para uma dança acessível.

A acessibilidade dançante permite que a escuta sensível seja realizada sem que o indivíduo e suas necessidades sejam fragmentados, mas que este indivíduo único possa “[...] ser pensado em todas as suas necessidades específicas. Ele precisa ser visto, escutado, sentido, para que dessa forma fique mais próximo a sua compreensão” (Cerqueira; Souza, 2011, p. 26).

Para que o Grupo Diversus seja realmente diverso, com a inclusão de pessoas com deficiência e com diferentes características motoras, físicas, auditivas, visuais, táteis, cognitivas, emocionais, culturais, sociais, afetivas, entre outras, é fundamental que se entenda e agregue a acessibilidade de maneira ampla e técnica, mas ao mesmo tempo poética e sensível, pois se está em meio a movimentos artísticos e poéticos.

Teixeira (2021) em seus estudos sobre “Deficiência em cena” nos lembra que o tema da deficiência “tem se constituído como um novo e vasto campo” em diferentes áreas, mas que pouco se tem investigado considerando-se as experiências de exclusão e luta social das pessoas com deficiência e no campo das artes a discussão ainda é incipiente. A artista, pesquisadora e autora inicia a introdução de seu livro proveniente do doutorado dizendo:

E se meu corpo amputado não escrevesse com as mãos? E se minha visão não lesse com olhos? Seria minha a teoria dislexa? Como tratar sobre a hipótese-protética? Minha ciência desmembra-se dos mundos de eficiência. Habita experiência. (Teixeira, 2021, p. 23)

Muitas vezes o trabalho em dança e artes com pessoas com deficiência centra-se ainda no Modelo Médico e nas técnicas da acessibilidade, sendo que a própria Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) acaba direcionando o professor/artista, uma vez que apresenta as diferentes necessidades de acessibilidade e no capítulo IX que apresenta o direito à cultura, o texto tem enfoque técnico, dizendo por exemplo da necessidade de Libras, de audiodescrição, de lugares para cadeira de rodas, em tecnologias assistivas, mas não dá conta de avançar para a fruição da pessoa em relação ao produto artístico sem segregação e sem olhar para além da deficiência.

Acreditamos que a escuta sensível permita que no Diversus a pessoa com deficiência e a acessibilidade cultural sejam consideradas em suas especificidades, sem se focar na deficiência, na prótese, na ausência, ... e sim na pessoa, na presença, na eficiência e no potencial artístico. Vamos a alguns exemplos.

Quando chega no Diversus, os artistas com diversidade comunicacional (incluindo pessoas surdas, pessoas com hiper ou hipo sensibilidade auditiva, pessoas com pouca vivência com atividades rítmicas, entre outras) recebem diferentes possibilidades de estímulos auditivos e de comunicação. Mas a continuidade ou intensificação dessas possibilidades de estímulos será realizada a partir da escuta sensível que busca perceber

se o estímulo foi eficiente para que o movimento artístico floresça. Caso isso não aconteça, outros estímulos são oferecidos, com o auxílio de todos os participantes. Nesse processo, a Libras, audiodescrição, as possíveis características da pessoa com transtorno do espectro autista, a linguagem simples, entre outras técnicas são utilizadas, mas sem olhar para a deficiência e sim para a resposta artística e poética.

Escutar é mais que ouvir. É mais do que estar parada em frente a alguém, dividindo o mesmo metro quadrado. Escuta-se por todas as células do corpo. Escuta-se com as mãos, com os olhos, com a respiração, escuta-se, inclusive, com os ouvidos. Uma postura escuta, um gesto escuta, a boca escuta. Há que se deixar apagar e se concentrar no outro [...] Saber escutar é o que nos dá humanidade (Faour, 2009, p. 123).

A escuta sensível para atender às especificidades dos e das artistas acontece durante todos os momentos no Grupo Diversus, inclusive durante a criação de um novo espetáculo. Para chegar em um produto artístico que será apresentado para o público, o Diversus escuta os artistas desde a escolha da temática do espetáculo, passando pela criação das coreografias, figurinos, elementos cenográficos, música, ritmo, intensidade de movimento, elementos de acessibilidade, entre outros. Leva-se a sério o lema do movimento das pessoas com deficiência “Nada sobre nós sem nós”, com protagonismo das pessoas com deficiência escutando cada um por meio da escuta sensível. Esse movimento é diferente do que temos visto em outros grupos de dança, quando todos os direcionamentos são impostos pelo diretor ou coreógrafo.

No grupo de dança Diversus, temos feito diferente, dando lugar, ampliando a voz e mostrando eficiência na diversidade por meio do pensamento da decolonialidade da dança. Além disso, temos mostrado formas outras de vivenciar a dança e mudado as relações de poder constituídas no modo de se fazer dança (Dalla Déa *et al.*, 2023, p.80).

Outro fato que tem sido realizado de maneira diferente no Diversus é a questão da acessibilidade dos espetáculos. Para determinar como a audiodescrição será realizada, em qual momento e como, o Grupo realiza vivências e de diferentes possibilidades e escuta os e as intérpretes e consultores com deficiência visual. Como aconteceu no Espetáculo “Cartas ao Tempo” em que “[...] além da descrição funcional da audiodescrição de movimentos, foi experienciada uma proposta poética do movimento de mulheres bailarinas, mães e femininas. Esta surgiu da parceria do roteirista com a diretora da cena e a consultora de audiodescrição” (Dalla Déa *et al.*, 2023, p.41).

A escuta sensível também proporcionou cenas que não apenas reproduzem a prática de colocar o intérprete de Libras fora do palco, em um foco de luz, separado do contexto do espetáculo. Um exemplo foi uma cena do Espetáculo “Transbordar” onde

[...] a acessibilidade foi cuidadosamente pensada em todos os momentos do espetáculo. Os voos transbordantes na acessibilidade poética também aconteceram na cena, onde o intérprete de Libras apareceu sozinho, para quem enxerga com os olhos. Mas, para quem vê com os ouvidos da sensibilidade, por meio de Libras e da audiodescrição, a dança acontece (Dalla Déa *et al.*, 2023, p.33).

Esses momentos em que a relação entre escuta sensível e acessibilidade se efetiva proporciona a participação, protagonismo e empoderamento dos e das artistas do Grupo de Dança Diversus, tornando-o cada vez mais acolhedor, sensível, poético e acessível.

A escuta é uma das pontes que permitem a aproximação dos sujeitos, que estabelece a confiança para as relações interpessoais entre quem fala para ser escutado e quem se permite escutar (Cerqueira; Souza, 2011, p. 20).

Assim, o trabalho no Grupo de Dança Diversus, é realizado com adaptações motoras, afetivas, intelectuais, psicológicas, cognitivas, espaciais, psíquicas, entre outras, enfim “humanas, demasiadamente humanas” (Nietzsche, 2017) para a criação de arte de maneira formativa, inicial, profissional e de alta performance, fazendo uma potente e sensível possibilidade de inclusão ampla e irrestrita e alcançando o tão almejado direito humano de produzir, assistir e se expressar através da arte, na linguagem fascinante da dança.

4 Considerações finais:

O artigo buscou apresentar e discutir algumas metodologias e formas de ensino no Grupo de Dança Diversus. Pode-se verificar que a relação escuta sensível e acessibilidade favorece a inclusão de pessoas com diferentes características e em especial de pessoas com deficiência.

O processo com participação coletiva torna os processos e produtos culturais, mas acessíveis à todas as pessoas, ampliando assim a possibilidade de fruição dos espetáculos por um público também diverso.

Em um mundo excludente como a Dança, onde corpos magros, brancos e sem deficiência são valorizados historicamente, dançar na diversidade é um ato de resistência e uma forma de promover novos conceitos. A Escuta Sensível favorece a inclusão e a alteridade, proporciona movimentos mais empáticos e modifica padrões dançantes.

O Grupo de Dança Diversus se enriquece com a troca de conhecimento profunda que acontece com a escuta sensível, tornando sua dança cada vez mais humana, acolhedora, empoderada e verdadeira.

Referências

- BALDI, N. C.; OLIVEIRA, J. U.D.; PATIAS, I.T. Procedimentos artístico-pedagógicos em dança a partir da decolonialidade e da autobiografia. *Rev FUNDARTE*. v. 19, n. 37, p. 127-139, 2019.
- BARRAL, J. H. A. *Dança inclusiva em contexto artístico análise de duas companhias*. 2002. (Dissertação) - Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2002.
- BRASIL. MEC. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 16 abr. 2023.
- CARVALHO, M. O. G. de. *Escuta sensível: protagonismo na educação*. Jundiaí: Paco, 2021.
- CARVALHO, M. O. G. de. *Escuta sensível: protagonismo na educação*. 2017. Tese (Doutora em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2017.
- CERQUEIRA, T. C. S.; SOUZA, E. M. Escuta sensível: o que é? In: CERQUEIRA, T. C. S. (org.). *(Con)Textos em escuta sensível*. Brasília, DF: Thesaurus, 2011.
- DALLA DÉA, V. H. S. *et al. Diversus: dança, diversidade, educação e acessibilidade*. Goiânia: CIAR UFG, 2023.
- FAOUR, C. *A arte de escutar: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr., 2002.
- LIMA, M. *et al.* Experiências em dança que transbordam: ações, criações e afirmações poéticas de corpos diversos. *Revista TXAI - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - Ufac, [S. l.]*, v. 1, n. 2, 2023.
- MAGALHÃES, M. C. A dança e sua característica sagrada “Existência e Arte”. *Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei*, v. 1, n. 1, 2005.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- PAIVA, R. R. *et al.* Dança e Síndrome de Down: uma revisão sistemática. *Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.*, v. 22, n. 1, 2021.
- ROSSI-ANDRION, P; MUNSTER, M. A. Dança educativa para crianças com deficiência física: repercussões de um programa de ensino. *Revista Movimento*, 2021
- SANTOS, R. F.; GUTIERREZ, G. L.; ROBLE, O. J. Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social *Rev. bras. ciênc. Esporte*. v. 41, n. 3, p. 271-276, jul.-set., 2019.
- TEIXEIRA, C. *Deficiência em cena: a ciência excluída e outras estéticas*. 2. ed. Natal: OFFSET, 2021.

Notas sobre os autores

Vanessa Helena Santana Dalla Déa

vanessasantana@ufg.br

Universidade Federal de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/4747115499551611>

<https://orcid.org/0000-0002-7022-1509>

Marlini Dorneles de Lima

marline_lima@ufg.br

Universidade Federal de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/418277555681237>

<https://orcid.org/0000-0003-2528-7645>

Renata Valerio Povia Curado

renatacurado@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

<https://lattes.cnpq.br/9376418942768651>

<https://orcid.org/0000-0003-2420-4334>

Recebido em: 06/12/2023

Reformulado em: 07/12/2023

Aceito em: 07/12/2023